

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LORRÂNY SILVA FERREIRA

**ESTUDO SOBRE OS LAÇOS SOCIAIS E OS MODOS
DE VIDA CONSTITUÍDOS PELO HOMICIDA APÓS O
CUMPRIMENTO DA PENA**

PATOS DE MINAS
2014

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LORRÂNY SILVA FERREIRA

**ESTUDO SOBRE OS LAÇOS SOCIAIS E OS MODOS
DE VIDA CONSTITUÍDOS PELO HOMICIDA APÓS O
CUMPRIMENTO DA PENA**

Monografia apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia, com a finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior

Co-Orientadora: Profa. Esp. Raquel Gonçalves da Fonseca

PATOS DE MINAS
2014

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Faculdade Patos de Minas

F383e Ferreira, Lorrâny Silva

Estudo sobre os laços sociais e os modos de vida constituídos pelo homicida após o cumprimento da pena / Lorrâny Silva Ferreira – Patos de Minas, 2014.

55f.

Monografia (Bacharel em Psicologia) – Faculdade Patos de Minas – FPM, 2014.

Orientação: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior

Co-Orientação: Prof. Esp. Raquel Gonçalves da Fonseca

1. Formas de vida 2. Laços sociais 3. Discurso 4. Homicida
5. Responsabilidade I. Título

CDU: 343.294:316.4

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

LORRÂNY SILVA FERREIRA

**ESTUDO SOBRE OS LAÇOS SOCIAIS E OS MODOS DE VIDA
CONSTITUÍDOS PELO HOMICIDA APÓS O CUMPRIMENTO DA
PENA**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 27 de
Outubro de 2014.

Orientador: Gilmar Antoniassi Junior
Faculdade Patos de Minas

Co-Orientadora – Examinador 1: Raquel Gonçalves da Fonseca
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Gema Galgani da Fonseca
Faculdade Patos de Minas



Faculdade Patos de Minas
Departamento de Graduação em Psicologia
Curso Bacharelado em Psicologia

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO, APRESENTADO POR LORRÂNY SILVA FERREIRA, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.

Aos vinte e sete de outubro de dois mil e quatorze, reuniu-se, no AUDITORIO CENTRAL, a Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, constituída pelos professores: PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR (Orientador), PROFA. ESP. RAQUEL GONÇALVES DA FONSECA (Titular), PROFA. MA. GEMA GALGANI DA SILVA (Titular), para examinar o graduando LORRÂNY SILVA FERREIRA na prova de defesa de seu trabalho de conclusão de curso intitulado: ESTUDO SOBRE OS LAÇOS SOCIAIS E OS MODOS DE VIDA CONSTITUÍDOS PELO HOMICIDA APÓS O CUMPRIMENTO DA PENA. O presidente da Comissão PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR, início os trabalhos às 21:00h, solicitou ao graduando que apresentasse, resumidamente, os principais pontos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o graduando sobre diversos aspectos da pesquisa e do trabalho. Após a arguição, que terminou às 22:00h, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do graduando, tendo chegado aos seguintes resultados: PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR (Aprovada), PROFA. ESP. RAQUEL GONÇALVES DA FONSECA (Aprovada), PROFA. MA. GEMA GALGANI DA SILVA (Aprovada). Em vistas deste resultado, o graduando LORRÂNY SILVA FERREIRA foi considerado Aprovada, fazendo jus ao título de BACHAREL em Psicologia, podendo assim gozar da Profissão de Psicólogo, pelo Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Sendo verdade eu, Lúcia Helena dos Santos, Secretária do Departamento de Graduação em Psicologia, confirma e lavra a presente ata, que assino juntamente com o Coordenador do Curso e os Membros da Banca Examinadora.

Patos de Minas, 27 de Outubro de 2014.

Novo título (sugerido pela banca): _____




PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR




PROFA. ESP. RAQUEL GONÇALVES DA FONSECA



PROFA. MA. GEMA GALGANI DA SILVA



Prof. Me. Gilmar Antoniasse Júnior
Coordenador de Graduação em Psicologia



Lúcia Helena dos Santos
Secretaria do Departamento de Graduação em Psicologia

DEDICO este trabalho aos meus pais e aos estudantes do curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu orientador, Gilmar Antoniassi Junior, pela paciência e empenho dedicado e as minhas professoras Fernanda do Valle Corrêa Ramos e Co-Orientadora Raquel Gonçalves da Fonseca pela contribuição na elaboração deste trabalho.

À Instituição pelo ambiente amigável que proporciona, aos professores pelo convívio, amizade e colaboração no desenvolvimento do mesmo.

Agradeço à minha mãe, Vanilza da Silva Vida, heroína que me incentivou e apoiou nas horas difíceis de desânimo e de cansaço e muito contribuiu para que esta pesquisa fosse realizada. Agradeço pela sua paciência ao me ouvir lendo todo o trabalho e, mesmo sem compreender, dizia: “Está ótimo!”.

À minha querida amiga Cláudia Gontijo, pelo enriquecimento teórico que me proporcionou, pelas correções e pelo suporte oferecido.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

A psicanálise resolve um dilema da teoria criminológica: ao irrealizar o crime, ela não desumaniza o criminoso.

Jacques Lacan

RESUMO

FERREIRA, Lorrâny. **Estudo sobre os laços sociais e os modos de vida constituídos pelo homicida após o cumprimento da pena.** 2014. 54f. Referência do trabalho artigo ou monografia. Curso de Bacharelado em Psicologia – Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas/ MG.

Devido ao desaparecimento do sujeito homicida após o cumprimento da sentença, resta a interrogação sobre os efeitos que o dispositivo jurídico teve sobre suas vidas e o tipo de inclusão social que se torna possível estabelecer neste período, partindo de um estudo sobre como se constitui o sujeito e são criados os laços sociais e formas de vida, além de abordar a questão da responsabilidade na visão psicanalítica e penal, o que pode levar a uma significação em relação à punição, atendo-se ao assentimento subjetivo, sendo possível articular novos modos de resposta. Este estudo pretende identificar as formas de vínculo social e os modos de vida constituídos pelo homicida após o cumprimento de sua pena. O instrumento utilizado para a coleta de dados constituiu-se de entrevista semiestruturada de orientação psicanalítica, gravada e transcrita, realizada somente com um sujeito onde foram atendidos os princípios éticos para pesquisa com seres humanos, livrando de riscos físicos, morais e sociais. A entrevista foi realizada em uma Clínica Escola de Psicologia de uma instituição do ensino superior. Os resultados apontam para o declínio da imagem paterna na vida do sujeito, o que trouxe consequências diversas, entre elas a desconstrução dos ideais que ajudam no temperamento da agressividade e tensão próprias dos seres humanos, além de provocar uma vacilação na identificação do sujeito dificultando sua orientação no campo do gozo. Porém, o sujeito utilizou o trabalho, a família e a religião, sistemas simbólicos oferecidos pela cultura, para se sustentar frente a esse real sem lei e se orientar na vida afastando-o do crime, o que contribuiu para que este sujeito fosse segregado do convívio social após o cumprimento de sua pena. O judiciário vem sendo convocado a exercer a função simbólica do pai, por meio da aplicabilidade de penas, a fim de conter o gozo desenfreado que a contemporaneidade apresenta. Espera-se que o sistema judiciário zele por um pai garantidor da consistência e da completude, tarefa impossível de se cumprir, e favoreça o franqueamento ao simbólico para que o sujeito possa se arranjar na vida com outros enlaçamentos não tão violentos ou segregatórios com o crime.

Palavras-chave: Formas de vida. Laços sociais. Discurso. Responsabilidade. Homicida.

ABSTRACT

FERREIRA, Lorrâny. **Study about the social bounds and the ways of life constituted by the killer after serving time in prison.** 2014. 54f. Reference from article or monographs. Course Bachelor of Phsycologist – Patos de Minas College, Patos de Minas/MG.

Due to the disappearance of the killer after serving time in prison, there's the question about the effects that the legal mechanism had over his life and the kind of social inclusion that is possible to be at this period, beginning from a study about how is constituted the person and how the social bounds and ways of life are created, besides tackling the issue of responsibility at psycanalist and legal, wich can take to a meaning in relation to punishment, questions refer to the subjective assente, being possible to articulate new kinds of answers. This study intends to identify the ways of social connection and the ways of life constituted by the killer after serving time. The instrument used to collect data was an interview psychoanalytic semistructured of orientation., recorded and transcribed, made only with a man where was served the ethical principals to the research with human being, making free of physical, moral and social damages. The interview came about by a researcher and performe at a Clinics Psychologist School of na institution of high school, it was possible to find, after the review of the results, the decline of the patern image in the person's life, wich brought many consequences, one of them the desconstruction of ideals that help in natural angry character and tension of human being, in addition provoking a vacillation at the identification of the person, making harder his orientation at the enjoyment. However, the man used his job, his Family and his religion, simbolic systems offered by his culture, to support himself given this no-law reality and to orientate himself in life getting far away from the crimes, wich contributed to social segregation after serving time in prison. The judiciary has been called to exercise the simbolic function of the father, by applying the penalties, in order to hide the unbridled joy. It's expected that the judiciary sistem ensure for a father that guarantor of consistency and completeness, task impossible to be accomplished, and that .to simbolic franchising so that the man can be succesful in life with other non violent or separate with crime.

Keywords: Ways of life. Social bounds. Speech. Responsibility. Killer.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
FUNDAMENTAÇÃO TÓRICA	13
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE.....	13
A CRIAÇÃO DO VÍNCULO SEGUNDO A PSICANÁLISE DE LACAN: OS LAÇOS SOCIAIS E O DISCURSO.....	15
FORMAS DE VIDA.....	19
O CRIME SEGUNDO A PSICANÁLISE E O DIREITO.....	19
A RESPONSABILIDADE: UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA E PENAL.....	20
OBJETIVOS	24
OBJETIVO GERAL.....	24
OBJETIVO ESPECÍFICO.....	24
METODOLOGIA	25
NATUREZA DA PESQUISA.....	25
LOCAL DE ESTUDO.....	25
PARTICIPANTE DO ESTUDO.....	25
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	26
ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	26
COLETA DE DADOS.....	27
TRATAMENTO DOS DADOS.....	27
RESULTADOS	28
DISCUSSÃO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE – A ‘ROTEIRO DE ENTREVISTA’	38
APÊNDICE – B ‘TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO’	39
ANEXO – ‘A DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO’	40

ANEXO – B ‘PARECER DE AUTORIZAÇÃO COMITE DE ÉTICA PESQUISA’.....	41
ANEXO – C TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA.....	44

APRESENTAÇÃO

A escolha do curso de Psicologia se deu por seu objetivo de estudo: o homem e sua relação consigo mesmo e com a sociedade. Diante disso, surgiu a questão da criminologia e se há, de fato, um ideal de regeneração social para o sujeito que cometeu um homicídio, crime hediondo tão recriminado pela sociedade.

Após o cumprimento da pena os sujeitos homicidas desaparecem da cena social denunciada pela mídia. Resta a interrogação sobre os efeitos que o dispositivo jurídico teve sobre suas vidas e o tipo de inclusão social que se torna possível estabelecer neste período, além de esperar uma segregação do sujeito no convívio social.

Dessa forma, este estudo partiu da realidade para tentar elucidar as formas de vida e os laços sociais estabelecidos pelo sujeito homicida após cumprimento da sentença, podendo contribuir para a construção de políticas de inclusão desses sujeitos na sociedade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE

Para saber sobre a concepção do processo de constituição de sujeito, é preciso compreender os conceitos psicanalíticos de Freud a Lacan a partir do entendimento a que reporte ao conceito de Nome-do-Pai, desenvolvido por Lacan.

Freud, na segunda tópica da teoria psicanalítica, culmina a formulação das instâncias que compõem o aparelho psíquico: ego, id e superego. Nos escritos de Freud de 1923, o ego é situado a serviço de três senhores e, conseqüentemente, ameaçado por três perigos: o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego. É a partir da segunda tópica que o ego intervém como agente de defesa, o superego como agente das interdições e o id como pólo pulsional. O ego, a partir dessa descrição é, em grande parte, inconsciente, e o id passa a ser o reservatório primário de energia psíquica onde se defrontam as pulsões. O superego inibe os atos ou provoca remorsos e é considerado por Freud como a instância judiciária do nosso psiquismo. O papel interditor do superego foi, primeiro, representado por uma potência externa, pela autoridade parental. A criança não possui inibições internas, obedece aos seus impulsos aspirando apenas ao prazer. (1)

O ego dá conta dos investimentos objetivos e se sujeita ou desvia-se pelo recalque e, nesse sentido, o caráter do ego é um precipitado de catexias objetivos abandonadas e o mais importante traz como inscrição, marca, traços, a história dessas escolhas de objeto. O ego, então, assume as características do objeto e assemelha-se a ele pela via da identificação, apontado como ideal do eu. Na origem do ideal do eu, permanece oculta a primeira e mais importante identificação: a identificação ao pai. Tal identificação é referenciada como um traço, como um processo que constitui e instaura o aparato psíquico e o sujeito, cuja nova ação psíquica necessita de um ideal que opera enquanto significante. Lacan faz alusão ao

processo 'Complexo de Édipo' e explica o processo de formação do sujeito a partir deste, que também segue pela via da identificação. (2)

O processo de formação do sujeito no Complexo de Édipo dá-se em três momentos. No primeiro e segundo momento, a criança nasce e se sente um prolongamento da mãe, sendo colocada no lugar de falo e de desejo para a mesma. No terceiro tempo, o pai entra nessa relação dual mãe-filho como representante da lei para interditar o desejo da mãe substituindo-o pela função do pai, que passa a ser idealizada e identificada pelo filho, tornando-se Ideal do eu. O filho sai da posição de assujeitamento ao desejo e à demanda da mãe, deixando de ser o falo para ter o falo. (3)

Na perspectiva freudiana, a castração está relacionada ao complexo de Édipo, sendo alçada na articulação entre o desejo e a lei. Tanto o complexo de Édipo quanto Totem e Tabu colocam em cena o Pai real, apontado para o engajamento simbólico do sujeito, para a renúncia do gozo incestuoso, descrito em sua obra denominada Mal-estar na civilização. (4)

A entrada do significante Nome-do-Pai é denominada metáfora paterna e permite ao sujeito ter acesso aos discursos, mediante a perda de gozo. Esse significante também é responsável pela estrutura psíquica do sujeito: no estado de neurose, psicose e perversão. A introjeção desse significante dá-se através do discurso estabelecido pela mãe, através da linguagem, que determina o desencadeamento da operação da função simbólica exercida pelo pai. A mãe carece de dar testemunho de sua falta, ou seja, certificar sua castração para que a criança reconheça a autoridade do pai como significante de valor, tornando-se para a criança o Grande Outro e fazendo com que o sujeito se oriente a vida, regulado pelo desejo. (5)

A lei paterna, como interditora, impossibilita a satisfação plena, na medida em que a mãe exerce seu papel representativo de objeto fundamental, e para sempre o objeto proibido. Nesse sentido, desejar, para a psicanálise, está relacionado a uma falta estrutural, tendo a castração como estruturante do processo de subjetivação, fundante do saber sobre o desejo, sobre sua realização impossível, pois há algo que sempre escapa ao sujeito. Os objetos do mundo humano são apenas substitutos desse objeto primordial e por mais diversas que sejam as experiências de satisfação através de objetos substitutivos que a cultura mediatiza, há uma falta constitutiva que impede o sujeito de atingir o prazer absoluto. O gozo

deve ser entendido como diferente do prazer, pois ele está atravessado pela pulsão de morte. O conceito de gozo vem para situar a satisfação paradoxal da pulsão. Enquanto o desejo visa a anular a falta, o gozo leva ao excesso sem limite. Neste sentido, a intervenção paterna, ao dividir o sujeito entre desejo e gozo, aponta para o fato de que os sintomas são uma defesa contra este mal-estar radical, inerente à constituição da própria civilização. (6)

A internalização da lei através da figura paterna sucede pelo mito descrito por Freud em “Totem e Tabu” para encenar seu nascimento. O mito retrata a revolta dos irmãos contra o pai da horda, gozador de todas as mulheres. Os irmãos mataram o pai e o devoraram, colocando assim um fim à horda patriarcal. O pai, que era temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos, fora devorado e através desse ato, realizavam sua identificação com ele. Após terem se livrado do pai surgiu um sentimento de culpa. Então, movidos pelo remorso instituíram, como forma de tabu, as duas normas que regem a sociedade primitiva: a proibição do homicídio e a interdição do incesto. É através desse mito freudiano que se retraça a passagem da natureza à cultura. (7)

Lacan, referindo-se a esse mito diz que “o pai só proíbe o desejo com eficácia porque está morto”. Portanto, é possível dizer que a morte do pai é o que consolida a introjeção da lei e a articula ao desejo. Assim, é fundado pelo mito do Édipo que a representação do assassinato do pai é a condição expressa do gozo e que o pai que assume a essencial função simbólica, é o pai morto. O pai morto que se tornou a lei, é o que Lacan chamou de Nome-do-Pai. (4, 8, 9)

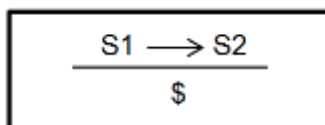
O termo Nome-do-Pai serve para identificar o pai como aquele que institui a lei através da linguagem. “É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei”. (10) É a representação do significante que deve estar sempre presente para sustentar a autenticidade da fala e dizer que há algo que autoriza a introjeção da lei. Esta não só é a primeira Lei do homem, mas também a que estrutura o sujeito, a que inaugura o desejo como desejo do desejo do Outro, mas a que viabiliza o exercício da função da linguagem, que se estabelece nos laços entre o sujeito e o outro. (4)

A CRIAÇÃO DO VÍNCULO SEGUNDO A PSICANÁLISE DE LACAN: OS LAÇOS SOCIAIS E O DISCURSO

A partir dos escritos de Lacan, sabe-se que é pela via da linguagem que se formalizam os laços sociais e propõe uma nova forma de compreender o estabelecimento do laço social entre os sujeitos, onde há uma articulação inovadora entre o campo da linguagem e o campo do gozo. A noção de laço social equivale ao termo “discurso”. Há quatro possíveis formas de estabelecer o vínculo social: o discurso do mestre, universitário, da histérica e do analista. (4, 11)

O discurso é um modo de relacionamento social representado por uma estrutura sem palavras. Os discursos são modos de linguagem afim do uso estabelecido ao vínculo social, pois é na estrutura significante que o discurso se funda. É a articulação da cadeia significante que produz o discurso. Os discursos são configurações significantes, embora nem tudo seja significante na estrutura do discurso, diferenciam-se e se especificam por sua distribuição espacial. O que está em jogo é aquilo que ordena e regula um vínculo social entre os sujeitos. (11)

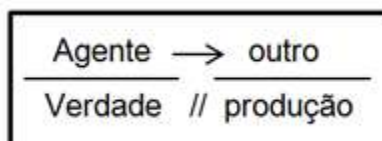
O sujeito que interessa à psicanálise é o sujeito do inconsciente, do desejo. Esse sujeito é efeito da linguagem e se articula na dimensão do Outro, que encarna e veicula a lei paterna, caracterizado pela possibilidade constante de vir a ser. Ele emerge da relação significante, que significante representa o sujeito junto a outro significante. (12)



A estrutura dos discursos é marcada por lugares fixos, ocupados por termos que giram na estrutura, configurando, assim, os tipos discursivos. (4)

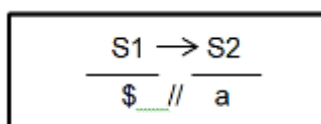
Os lugares são denominados pelo lugar de onde se fala e o lugar do agente que ao falar tem como destinatário um outro, ou melhor, um Outro enquanto linguagem, código, tesouro dos significantes. O lugar do outro representa o efeito que se produzirá a partir do endereçamento da fala ao outro, cujo produto do discurso se dá ao lugar da produção que diz respeito a uma determinada verdade. A verdade é o motor do discurso, pois qualquer discurso é sempre movido por uma

verdade, sua mola propulsora, sobre a qual está assentado um agente, que se dirige a um outro a fim de obter deste uma produção. (4)

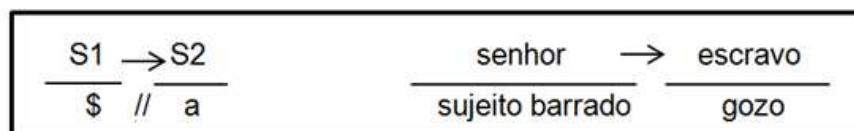


Os termos do discurso, embora apareçam numa sequência fixa, ocupam alternadamente cada uma das posições estruturais representados por: S1 - significante mestre, que representa o sujeito como atravessado e determinado pela ação significante. É a condição da articulação da cadeia, estando, de alguma forma, fora dela. S2 – o saber, o significante ante o qual S1 representa o sujeito e em concatenação com o qual se estrutura a cadeia mínima para a significação. \$ - o sujeito marcado pela barra, deixando aberta a possibilidade de *vir a ser*. a objeto 'a', causa de desejo ou mais-de-gozar. (11)

No momento em que o significante (S1) intervém no campo do Outro (A), campo estruturado por um saber (S2) em que outros significantes se articulam, surge o sujeito dividido (\$). Nesse trajeto há também uma perda, que Lacan denomina objeto a. Esta operação pode ser representada nos seguintes termos:



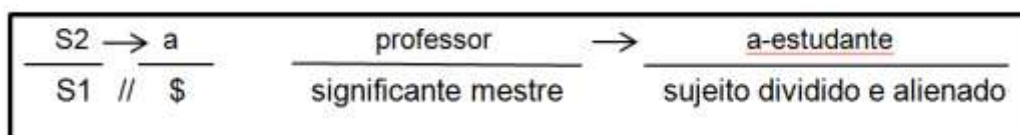
Esta estrutura é chamada de *Discurso do Mestre* onde pode-se ver a relação dialética entre o senhor e o escravo introduzida por Hegel em *A Fenomenologia do Espírito*, o qual foi a base para o desenvolvimento da teoria dos quatro discursos de Lacan, citado por Carolina Coelho.(9, 11) Seguindo a proposta de Lacan, vê-se, em primeiro lugar, o Discurso do Mestre:



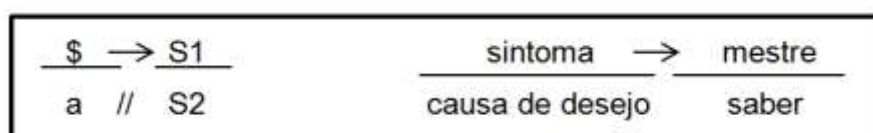
O S1 é posicionado (o significante mestre) como o "senhor" e mostra a suposta identidade entre o sujeito e o S1. O mestre tenta sustentar-se no mito ultra-reduzido de ser igual a seu próprio significante. S2 (o saber) aparece como o "escravo". O que se produz nessa relação é gozo, e é disso que Lacan fala quando

diz que o gozo é fácil para o escravo. A verdade do mestre é que ele é castrado. O escravo tem algum saber sobre a castração do senhor, pois o \$ no lugar da verdade mostra que não existe essa identidade ôptica e que o sujeito não é unívoco, mas, sim, dividido. (11)

No Discurso Universitário, o saber ocupa a posição dominante; o sujeito sapiente é o agente. O professor veiculará o ensino. O "a", como outro, representa o estudante que, causado pelo desejo, realiza o trabalho de escrever, sendo explorado pelo discurso universitário. O produto da universidade é um \$, um sujeito barrado, incompleto, que terá desejo de saber mais. Lacan diz que o estudante entra na universidade achando que sabe tudo e sai consciente de que não sabe nada. O S1 aparece no lugar da verdade, que ordena: "Vai, continua. Não pára. Continua, a saber, sempre mais". (9)

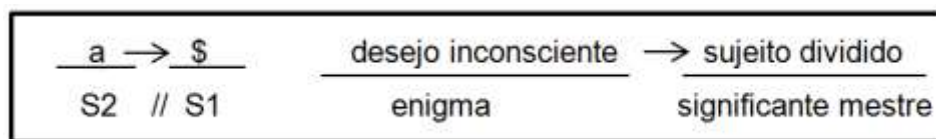


O Discurso da Histórica tem grande importância para a psicanálise. Foi na escuta desse discurso que Freud fundou a psicanálise e o seu produto central: o inconsciente. O S2 aparece, portanto, na posição de produção. A histórica sabe-se dividida (\$ como agente), o sintoma aparece como dominante e solicita interpretação. Ela reconhece sua falta e procura, incessantemente, preenchê-la. Para tanto, constitui alguém como mestre, como quem supostamente detém o significante mestre. É nessa posição, de mestre, que ela tentará colocar e, em seguida, tirar o analista quando demanda uma resposta dele. O objeto "a" está na posição da verdade, em disjunção com o saber: "Sua verdade é que precisa ser objeto a para ser desejada". (9)



No Discurso do Analista, a função exercida pelo psicanalista está 'entre o mestre e o pedagogo', renunciando a todo o discurso do domínio. Nesse sentido, o

discurso do mestre é o avesso da psicanálise. O contraponto do discurso do mestre é o discurso do analista; um se encontra no pólo oposto do outro. (11)



O agente, no discurso do analista, é o desejo inconsciente, um questionamento dos significantes mestres. A posição do analista é feita substancialmente do objeto "a", causa de desejo, a partir do qual é possível a associação livre; assim, "o analista se faz causa do desejo do analisante". O saber inconsciente (S2) ocupa, no discurso do analista, o lugar da verdade. E estando no lugar da verdade, é um enigma, um dito pela metade. É preciso entender que, para a psicanálise, não é possível saber tudo, pois o inconsciente é o "não todo". O produto desse discurso será o S1. (9, 11)

A teoria dos discursos, proposta por Lacan no Seminário 17, formaliza os laços sociais entre os seres humanos na medida em que são seres de linguagem e de libido. Nos escritos de Freud em Totem e Tabu, os laços sociais permitem que o sujeito teça sua rede, uma aliança com a ordem simbólica que rege as relações humanas. O modo singular do sujeito de desejar e circular nesse laço está relacionado ao Nome-do-Pai (ordem simbólica) instituinte da subjetividade à civilização, possibilitando o entrelaçado do real-simbólico-imaginário que se dá entre os laços sociais. (4)

O laço social é uma estrutura mediada pela linguagem. É um discurso sem palavras, discurso enquanto modalidade de relação social, que se situa entre a fala e a linguagem. A esse respeito Lacan argumenta que "não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o laço social só se instaura por ancorar-se na maneira pelo qual a linguagem se situa e se imprime sobre o ser falante." (14) Assim, pode-se alegar que o discurso é a fala orientada pelas leis da linguagem que produz o laço. (4)

FORMAS DE VIDA

A *forma de vida* expressada pela filosofia analítica de Wittgenstein elucidada o ato da linguagem e seus 'jogos', da mesma forma que Lacan se refere ao laço social pela vertente da linguagem. A linguagem tem como função fazer o sujeito interagir com o ambiente, apontando para a não existência de um molde fixo, e que o sujeito possa a partir dela definir o como, o quê, quando e onde pode falar o que se fala. É, portanto, antes de mais nada, 'ação', pragma. "Ao falar, agimos, e, a partir dessa performance, quando palavra e ação coincidem, inscrita na própria definição do que é linguagem, nasce o que chamamos de sujeito." (13)

A noção de Jogos-de-Linguagem, proposta por Wittgenstein, propõe que os diálogos se constroem a partir de três momentos: o primeiro deles, quando alguém fala; o segundo, quando alguém responde correspondendo ao convite para um dado Jogo-de-Linguagem; e, finalmente, quando o terceiro pronunciamento atesta que houve um acordo entre os interlocutores e sabem que se comunicam e qual é o jogo em que estão envolvidos. A aproximação entre a noção de Jogos-de-Linguagem e a Psicanálise encontra amparo no próprio Freud, quando diz que "nada acontece entre eles, salvo que conversam entre si". (14) Está implícito nessa afirmação do inventor da Psicanálise que, quando duas pessoas falam, afetam-se mutuamente. Essa é a ideia de Jogos-de-Linguagem. (13)

A partir do conceito 'formas de vida' da filosofia analítica de Wittgenstein, a psicanálise lacaniana optou por utilizar o termo *modos de vida* para falar de sintoma, definido como modo particular que o sujeito tem de gozar de seu inconsciente, passando pelo Outro e instaurando o laço social. (15)

O CRIME SEGUNDO A PSICANÁLISE E O DIREITO

As tensões entre os homens são a base do crime e, quando elas surgem, demonstram a articulação da cultura com a natureza. Essa articulação foi exposta por Freud como fonte de mal-estar e divisão do sujeito. O crime revela que há um mal-estar e que este é inerente a qualquer sociedade civilizada, o mal-estar é a

origem dos crimes e transgressões em todas as sociedades. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas, onde a fonte de ações em que se estabelecem os limites se dá pela introjeção das leis e normas dispostas pela própria sociedade, através do sonho de justiça que seja justa e que possa eliminar o mal-estar ocasionado, sendo que para a psicanálise o mal estar é inerente e que, na relação entre os homens, há um impossível que os impedem de conviver em paz. (12, 16)

Diante do semelhante e devido às tensões suscitadas, o sujeito vacila em responder – são as vacilações na responsabilidade. A psicanálise contribui para a compreensão do crime que elucida a percepção do sujeito que responde de várias formas, não como espera o criminólogo, ou seja, com a razão, com a consciência. Em última instância, o objetivo da criminologia seria a reintegração do criminoso na comunidade e, para isso é esperado que ele confesse seu erro, para que possa ser responsabilizado. A confissão seria a garantia dos fundamentos sobre os quais a criminologia se sustenta. Contudo, a psicanálise reconhece outras instâncias no sujeito e o assentimento à punição não se dá por uma comunicação racional e consciente. (12)

A realidade de um crime deve ser captada como expressão da violência do superego, pois repercute no indivíduo por seus efeitos patogênicos, que são sentidos como culpa e, pela culpa, demonstra os efeitos dos crimes primordiais – incesto e parricídio, revelando a tensão entre o sujeito e o social. Tal instância, em sua perspectiva simbólica, instaura um ideal no eu e apesar de introjetar uma lei, exige uma satisfação, apresentando um caráter duplo de introjetar a lei e representar as exigências de satisfação provenientes do id. Ele coloca o ego em conflito com o ideal, que diz respeito à divisão do sujeito em relação ao desejo; e com a realidade, que exige a perda de satisfação, e a exigência de satisfação, demonstrando a dimensão do gozo. Lacan, além de abordar os crimes do superego, tratou também dos crimes do ego e do id. Crimes do imaginário, ou do eu, seriam aqueles provenientes da agressividade presentes no estádio do espelho. Os crimes do simbólico ou do superego seriam demonstrados nos assassinos de autoridades, que apresentam um ponto de discordância entre a lei e o ideal. E os crimes do real, ou crimes do id, ou do gozo, tratam-se de um misto dos crimes do imaginário e do simbólico. (12)

No olhar do Direito, ante um ato criminoso as legislações vigentes determinam a eventual culpabilidade do acusado e o castigo a aplicar. Para a Justiça Penal, a premeditação e o estado de consciência durante o ato criminoso, contribuem, dentre outros aspectos, para estabelecer o grau de responsabilidade do acusado. No entanto, a responsabilidade edificada e invocada na legislação não é a mesma que a argumentada na psicanálise. Não existe sociedade em que a relação entre o crime e a lei não se manifeste pelo castigo. Por outro lado, toda sociedade exige do apenado uma aceitação subjetiva a respeito do crime cometido e sua pena. A responsabilidade e a culpa são duas regras ordenadoras do direito e correspondem a dois princípios psicanalíticos fundamentais, contudo, não possuem o mesmo valor. A alma do criminoso não é invocada no tribunal somente para explicar o crime e introduzi-la como um elemento a mais na atribuição jurídica das responsabilidades. Se ela é invocada com tanta ênfase, com tanto cuidado de compreensão e tão grande aplicação científica, é para julgá-la, ao mesmo tempo que o crime, e fazê-la participar da punição. (17, 18)

O homicídio é um dos tantos crimes previstos nas leis penais, tais como o furto, o roubo e as lesões. A classificação de homicídio, segundo as leis do direito, leva-se em conta o ato quando existe a intenção de matar a vítima e é considerado como um ato doloso; quando o ato, mesmo conhecendo o possível resultado de morte e o indivíduo crê poder evitá-lo, no entanto, falha e o resultado se concretiza, é considerado como *involuntário ou culposos ou negligente*; e o ato ao qual se refere às intenções do homicida, que em princípio buscou o prejuízo de uma pessoa, sem pensar que essa ação poderia causar a morte, é considerado como *preterintencional*. Diferenciam-se as classes de homicídios e não a classe de homicidas. O tipo penal geral (homicídio simples) está previsto no Art. 121 do Código Penal que preconiza “matar alguém”, com pena em abstrato de 6 a 20 anos de prisão. O homicídio qualificado tem pena de 12 a 30 anos de prisão. (18)

A RESPONSABILIDADE: UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA E PENAL

A responsabilidade, concebida como resposta de um sujeito que pode acontecer a partir da entrada do *Outro* e da *lei*, preserva o semblante do direito

penal que diz que a justiça se faz porque há uma distinção fundamental: há coisas que são permitidas, porque existem algumas proibições. Nesse sentido, considera-se a dimensão simbólica da lei, que instaura uma diferença. A resposta responsável de um sujeito está frente ao real, que no caso do crime, seria a articulação de um ato à sua subjetividade, já que o ato é sem sujeito. (12)

A culpabilidade jurídica está enlaçada aos conceitos de responsabilidade e à possibilidade de governar suas próprias ações, os quais todos aqueles que podem 'compreender a criminalidade do ato ou dirigir suas ações' serão considerados imputáveis. Assim, sustenta-se que a culpa jurídica se apresenta e acontece logo após o cometimento do crime, quando através de um juízo o indivíduo se torna responsável por seu ato. (18)

Para que um juiz possa determinar a responsabilidade penal de um imputado é indispensável que tenha em conta a conjunção de dois elementos, sendo a inteligência ou discernimento do indivíduo, que torna acessível a ele a noção do bem e do mal; e a livre vontade e ou liberdade que possibilita ao agente escolher entre uma e outra conduta. O critério de imputabilidade reside na "consciência" e na liberdade de atuar, sendo então, culpável e responsável por seus atos. Contudo, se quem delinque, por causa de uma enfermidade, é incapaz de compreender o ilícito de sua atuação ou, conhecendo, é incapaz de inibir-se, não será considerado culpado ou responsável. A intervenção da justiça poderia ser um chamado a essa condenação, pois diz respeito ao universal da castração. A responsabilidade é o chamado para que o sujeito possa responder pelo ato que praticou. (12, 18)

Para Lacan, referenciado por Tendlarz e Garcia, o sujeito é sempre responsável por seus atos, o que não significa que seja culpável em relação à sanção que invoca. Desde seus primeiros trabalhos, Lacan tem destacado e antecipado que se vive em um tempo em que a noção de responsabilidade hesita cada vez mais. Essa hesitação é correlatada ao advento de uma pretensão de objetivação do crime, cujo fim é reduzir-se a isso. Assim afirmou que se vive em uma sociedade regida por ideais cada vez mais utilitários, mais comprometidos em um movimento acelerado de produção, e onde se deseja, de todos os modos, desconhecer a significação expiatória do castigo. Assiste-se a uma época onde se deixou de utilizar o castigo em seu alcance exemplar e passou-se a absorvê-lo sob um fim correccional, castigo que leva uma significação de repressão e que, cada vez mais se torna insuportável. (18)

Pela punição, pode-se definir a responsabilidade. As formas de castigo determinadas em uma sociedade demarcaram a resposta da infração à lei. Em todas as sociedades é mantida essa relação, portanto a responsabilidade é universal, ainda que exija uma modalização. O assentimento subjetivo, referenciado por Lacan, diz que para o castigo obter sua significação é imprescindível tal assentimento, por sua vez está articulado com os modos de resposta do sujeito. Este conceito revela a problemática do sujeito às voltas com a lei. A lei que interessa à psicanálise não é a mesma que importa ao direito. Ela não é a norma. A lei jurídica se orienta pelo ideal, tem como objetivo a normatização das condutas. A lei que interessa à psicanálise é aquela que visa ao singular, que institui a particularidade. É a isso que se refere o conceito de assentimento. (10,12)

É na certeza de que um crime não ficará impune que se baseia o direito moderno. Por essa via, o preço do crime é a punição, custo inscrito e calcado no sistema jurídico e na lógica social. O próprio delito insere o sentimento de culpa que parte da ordem do real, daquilo que não pode ser simbolizado e impossível de ser posto em palavras que se expressa numa ordem simbólica de representações, na medida em que o crime encontra-se codificado nas leis sociais e jurídicas. A pena determinada pelo direito estabelece a conexão entre o ato criminoso e a culpa inconsciente. Mas, para que o castigo tenha uma significação e seja eficaz em relação a seu propósito punitivo e que proporciona o alívio da culpa, é imprescindível que haja o processo de assentimento subjetivo. (19)

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Verificar se a pena judicial auxilia no estabelecimento de outra forma de vida e na construção de laços sociais para o sujeito que cumpriu pena por homicídio.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar as formas de vida e os laços sociais estabelecidos pelo sujeito homicida antes do crime cometido.
- ✓ Verificar os projetos de reeducação social propostos aos egressos em questão, durante e após o cumprimento da pena.
- ✓ Investigar se a pena judicial auxilia o sujeito na construção de novas formas de vida e laços sociais.

METODOLOGIA

NATUREZA DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de campo de análise qualitativa descritiva realizada na forma de estudo de caso, através da qual realizou-se uma análise sobre a narrativa do egresso do Sistema Prisional e buscou-se reconstruir sua história de vida para identificar as formas vividas e os laços sociais estabelecidos por este sujeito.

LOCAL DO ESTUDO

A entrevista ocorreu na Clínica Escola de Psicologia de uma instituição de ensino superior.

PARTICIPANTE DO ESTUDO

A amostra foi composta por um egresso do Sistema Prisional de uma cidade da região do Alto Paranaíba, Estado de Minas Gerais, que cumpriu pena por homicídio. Ela foi definida mediante entrevista de acolhimento psicológico, realizada pela pesquisadora, no 1º semestre de 2013, através do estágio de triagem psicologica na Clínica Escola de Psicologia de uma Faculdade (Autorização da Instituição – Anexo A).

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semi estruturada (Apêndice - A), elaborada a partir de propensões Psicanalíticas, em que se teve como instrumento mediador identificar o mal-estar da desinserção social, com o propósito de deixar o discurso do sujeito mais livre, não havendo sub agrupamento e divisão de categoria.

ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O presente estudo atendeu aos princípios éticos segundo Resolução do CNS 196/96 para pesquisa com seres humanos, para tanto foi submetido, para análise ética e acompanhamento do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca. A pesquisa somente foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFRAN (Anexo B).

A fim de garantir o preceito ético que envolve pesquisa solicitou-se autorização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice - B), e somente após assinatura efetivou-se o processo de coleta de dados.

O estudo não apresentou riscos físicos, morais e sociais para o sujeito entrevistado porém, poderá apresentar certo sofrimento psíquico, como angústia, devido à entrevista segmentada no processo de pesquisa. Para isso, após término da pesquisa, foi ofertado o acompanhamento psicológico na Clínica Escola de Psicologia de uma Faculdade, onde a pesquisadora estaria disponível para proceder ao encaminhamento para o atendimento em supervisão do estágio clínico. Apresentando como benefício a contribuição para construção de políticas de inclusões sociais aos sujeitos em reinserção após o cumprimento de pena judicial.

COLETA DE DADOS

A entrevista foi gravada e transcrita, objetivando descobrir a forma de vida que o sujeito homicida possuía antes do ato cometido, durante a determinação e cumprimento da pena, e se o cumprimento auxilia no estabelecimento de outra forma de vida e na construção de laços sociais para o sujeito. Em seguida, foram coletadas informações que possibilitassem identificar a trajetória de vida do entrevistado.

A entrevista teve a duração de dois encontros de, aproximadamente, 1h30min cada um, nos dias 27 e 28 de junho de 2014, no horário de 16hs às 17h30min. O primeiro encontro foi para que a pesquisadora estabelecesse o rapport com o sujeito, para que o objetivo do trabalho fosse apresentado e assinado o TCLE. No segundo encontro aconteceu a entrevista semi-estruturada, tendo como orientação as perguntas do projeto e após a mesma houve o encerramento

TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados foram analisados qualitativamente à luz do referencial Psicanalítico, que prioriza a associação livre presente no discurso do sujeito. A oferta de palavra promovida pela metodologia aplicada através da sistematização da entrevista auxiliou no esclarecimento do processo de inclusão do sujeito homicida na sociedade.

Este referencial é considerado adequado para a identificação dos processos que envolvem a análise da singularidade dos discursos subjetivos, sendo pertinente à análise das formas de vida e dos laços sociais no que se refere aos fatores componentes do processo de reinserção social do sujeito homicida. Considera-se também que o mesmo possibilitou a discussão dos resultados das informações coletadas, por viabilizar a comparação destas informações aos casos identificados na literatura pertinente.

RESULTADOS

Mediante a coleta de dados da entrevista com o participante do estudo, foi possível identificar no sujeito a presença do Discurso do Mestre, que se evidencia no relato em que o sujeito atribui o saber ao irmão, que ocupa este lugar de saber do mestre, e produz nele a verdade, o ato, de ter que comprar o revólver e fazer o que lhe foi passado, colocando-se assim na posição de escravo do mestre:

“Na época eu tinha 13 anos e eu trabalhava pros outros e era muito, na época eu já tava aprendendo a cortar lenha de motosserra. Aí naquela época quem comprava uma bicicleta, é igual hoje se um jovem tirar carteira e comprar uma motoca nova. E eu lembro que eu fui lá em Lagoa Grande comprar uma bicicleta novinha, era uma bicicleta verde, eu juntei dinheiro muito tempo, sobrou só uma mixaria, mas eu tava empolgado. Aí eu tava passando na porta da venda, voltando do trabalho, eu parei lá, escorei a bicicleta no tripé e parei lá pra beber um guaraná. Eu tava de um jeito que não tava cabendo dentro da roupa, de tão bom que eu tava achando. Hora que eu saí lá de fora, um tonto com um copo de pinga na mão tentando montar na bicicleta. Aí eu cheguei lá e danei com ele e ele pegou e me jogou essa pinga. Aí eu fui embora. Eu fiquei tão descontrolado que eu não dei conta de montar na bicicleta, eu fui empurrando a bicicleta. Aí eu topei com o meu irmão, esse mais velho, e contei ele a história e ele falou assim: Você tem que pegar o que você tem e vender e comprar um revolver, porque a hora que um te jogar uma pinga, você enxuga. Enxuga assim, pega e mete bala, foi o que ele falou. Aí eu tinha umas bezerras, eu vendi essas bezerras, mas a bicicleta eu não dispus dela, não. Eu lembro que eu comprei uma arma automática, uma 380, 15 balas no pente, bala 38.”

A forma de vida estabelecida pelo sujeito antes do crime cometido, destaca-se pelos recursos precários que não proporcionavam ao sujeito caminhos alternativos de lidar com situações em que estivesse sob pressão ou ameaça, necessitando de que houvesse uma atuação para que sua integridade fosse mantida, podendo ser notada na citação acima onde se reforça, através do relato em

que ele expressa, a traição de sua noiva, situação que feriu sua integridade enquanto sujeito, levando-o a cometer o homicídio para que tal integridade fosse preservada:

“Eu descobri que a minha noiva tava me traindo. Ai eu não importei com aquilo, tinha decidido não casar com ela mais. Mas eu deixei, fazendo de conta que tava fazendo de tolo, sabe? Aí quando foi um dia, tava chegando ela e a mae dela na casa da irmã dela. Ela pegou e falou pra mim: Eu to grávida. E eu falei: então é de fulano, não é meu não. E ela pegou e me soltou a mão na cara, sabe? Eu tava com um revolver no bolso. Não deu outra, porque eu já era meio azucrinado sabe? Aí foi caixão e vela preta.”

O sujeito não apresentou dificuldade em estabelecer laços sociais, utilizando o trabalho para tal fim, sendo possível identificar em seu discurso:

“Aí eu fui tomar conta de uma fazenda lá nos Quintinos, fiquei lá muito tempo. Depois eu saí de uma fazenda, fui pra outra, o senhor lá era separado da família, da mulher dele. E nós dávamos muito certo, porque os filhos dele eram casados, e ele não andava à noite sozinho e eu ia com ele quando ele queria sair e tal, quando ia fazer farra lá os amigos dele me elogiavam e ele falava que eu era que nem aliança pra ele, de ouro e prata.”

Após o cumprimento da pena, o sujeito consegue estabelecer uma outra forma de vida em torno dos novos laços sociais, a partir da família e da religião, possibilitando criar outro modo de viver, expressado através do relato em que fala sobre a sua vontade de construir uma família e sobre a sua ligação com Deus, o que deu ao sujeito certa estabilidade na vida:

“Mas igual eutava te falando, eu tava lá fechado e falei: Não, eu vou cumprir minha pena., porque o dia que eu acabar de cumprir minha pena, eu vou arrumar uma família, porque se a minha vida não melhorar mais do que tá, piorar não piora não. Eu saí. Eu arrumei uma família e a minha vida melhorou... [...] Hoje eu rezo pra Deus e peço muita paciência, porque quando acontece o que aconteceu comigo, a gente fica assim. Se a gente chegar a infezar, a gente pensa: Se eu matar fulano, eu tenho sossego. Por isso que hoje eu sou outra pessoa, Deus me dá paciência que eu não infezo...”

A partir destes relatos, foi possível observar as novas formas de vida e novos laços sociais que o sujeito construiu após o cumprimento da pena. O sujeito apresentou boa comunicação, o que o ajudou a ter um bom relacionamento familiar e interpessoal. Ele não demonstrou inibição durante seu relato, contribuindo para que a entrevista acontecesse de forma livre e clara, facilitando a interação entre entrevistador e entrevistado. A finalização da entrevista se deu de forma tranquila e serena de ambas as partes; por parte do entrevistador pela realização do trabalho e por parte do entrevistado pela escuta que foi oferecida a ele.

DISCUSSÃO

Pode-se perceber através dos resultados que os recursos expressos pelo sujeito referem-se à utilização para lidar com as situações em que se encontra sob pressão ou ameaça, devido ao seu desamparo familiar e função paterna exercida precariamente pelo irmão, deixando-o vulnerável. O discurso utilizado pelo sujeito como laço social identificado no discurso do Mestre, onde destaca sua posição de escravo do mestre, produzindo uma atuação expressa à verdade, denominada acting-out. Trata-se de uma ação que se aproxima do sintoma, porque nela existem coordenadas simbólicas, ainda que inoperantes. Esse tipo de atuação serve-se do recurso da fantasia para mostrar uma cena dirigida ao Outro, representando uma história em um ato. O Outro é convocado e, em cena, lhe é mostrado o objeto da angústia. Não o objeto, mas uma falácia colocada em seu lugar. O acting-out é um apelo em ato para que um outro produza uma ordem, ordene o mundo do sujeito, refaça o enquadre desarranjado. (12)

A atuação no lugar do dizer pode ser considerada também uma definição dos chamados novos sintomas, que podem acontecer a partir do declínio da imago paterna. Tal declínio conduziu e produziu a desconstrução dos ideais que funcionavam temperando a agressividade e tensão próprias da civilização, além de provocar uma vacilação na identificação dos sujeitos impedindo que o sujeito saiba como se orientar no campo do gozo. Porém, frente a esse real sem lei, o homem tem à sua disposição vários sistemas simbólicos que a cultura lhe oferece, como a ciência, a magia, a religião, na tentativa de se sustentar frente ao irremediável. (12, 18, 20)

A tentativa do sujeito de se sustentar, utilizando a religião e a família, dispondo-se dos sistemas simbólicos que lhe são oferecidos, é expressa no caso. Permite compreender que, antes de se dispor de tais recursos oferecidos pela sociedade, o sujeito necessitou da intervenção do Direito para se localizar, o que expressa a convocação a atuar de forma a instituir o pai e zelar por ele, na

possibilidade de se oferecer às partes do processo judicial o acesso ao simbólico, com a conseqüente orientação, contenção e limitação da violação dos direitos. (20)

A demanda dirigida ao Judiciário tenta retornar ao pai instaurador, graças a essa intervenção social, para que assim, talvez, o sujeito possa se constituir e vir a se responsabilizar pelo seu ato. O encontro com os operadores do direito pode favorecer o franqueamento ao simbólico para que o sujeito possa se arranjar na vida com outros enlaçamentos não tão violentos ou segregatórios com a delinquência. (20, 21)

A função paterna é o que também possibilita os laços identificatórios entre os integrantes de uma mesma sociedade. Nesse sentido, a Lei primordial, não só inaugura a passagem da natureza para a cultura, mas também rege as alianças. Assim se constituem agrupamentos humanos, sendo a família, o principal deles, isto devido a sua importância tanto para o processo institucional social com a regulação do gozo, quanto para a constituição do sujeito e sua entrada na cultura. Com efeito, o modo singular do sujeito de desejar e circular no laço social está relacionado ao Nome-do-Pai instituinte da subjetividade à sociedade, possibilitador do entrelaçado do real-simbólico-imaginário e dos discursos. A teoria dos discursos formaliza os laços sociais entre os humanos na medida em que são seres de linguagem e de libido, sendo também uma estrutura discursiva, um instrumento de linguagem que instaura certo número de relações estáveis. (4)

A identificação ao irmão colocando-o no lugar do mestre, sendo seu escravo, ao qual foi lhe dado a ordem e o sujeito submeteu-se ao discurso do mestre, representa a estrutura do discurso do mestre e evidencia-se através da relação que se estabelece o laço entre o senhor e o escravo. Relação por meio da qual o escravo (eu) demonstra a verdade do senhor (líder). O líder dá a ordem, cumprindo sua função. No matema do discurso do mestre tem-se: “a lei (S1) no lugar do agente, o saber (S2) no lugar do outro (o submetido a esse discurso), o sujeito (\$) no lugar da verdade, e o objeto a, simultaneamente, como o resto e o produto”. Dessa maneira, o discurso do mestre inaugura a condição do humano na linguagem; em outras palavras, é a modalidade discursiva instituinte do sujeito. Esse assentimento, consentimento, ocorre ao preço da perda de liberdade, pelo medo de perder o amor do líder (pai). (4)

CONCLUSÃO

Ao averiguar-se o cumprimento da pena judicial que auxiliou o sujeito no estabelecimento de outra forma de vida, e na construção dos laços sociais, devido a reclusão pelo homicídio, atentou-se que o mesmo, possivelmente, auxiliou o sujeito em estabelecer outra forma de vida capaz de conceber laços familiares e religiosos, que o auxiliam a se orientar na vida com outros enlaçamentos, que não os arrebatam para o crime.

É longínquo afirmar que os resultados obtidos neste estudo possam difundir em características expressas a todos os indivíduos que cumprem pena judicial quando este é um homicida. Devido ao estudo ser restrito a um único sujeito, podendo afirmar a validade do trabalho em um ponto inicial a ser evidenciado em uma amplitude maior que se busque averiguar as características expressas no sujeito em estudo, as contribuições concludentes constituídas por este estudo evidenciam a satisfação do objetivo proposto, apontando a importância da função paterna ser exercida enquanto referencial para o sujeito.

Quando a função paterna é exercida precariamente, pode-se perceber algumas de suas consequências, como a dificuldade do sujeito de se orientar na vida e a identificação entre os sujeitos, que leva à construção de laços sociais possibilitando o discurso do mestre. Tal discurso evidencia a relação que se estabelece o laço entre o senhor e o escravo. O senhor representa a figura do pai, cujo escravo obedece às regras pelo medo de perder o seu amor. A posição do sujeito não se modifica e se encontrará sempre no lugar do escravo, porém mudam-se os senhores e após o cumprimento da pena esse lugar passou a ser ocupado pela religião e a família. (4, 20)

Diante da análise dos resultados, foi possível verificar que a hipótese levantada no estudo foi negada. Consubstanciado que o cumprimento da pena não segregou o sujeito do convívio social, oponente em que o auxiliou no estabelecimento de novos vínculos.

Conclui-se que devido ao gozo desenfreado da contemporaneidade, a justiça vem sendo convocada a exercer a função simbólica da figura representativa do pai, por meio da aplicabilidade de penas, afim da tentativa de possibilitar ações que propõe em conter o gozo. Há a expectativa de que o sistema judiciário zele por um pai garantidor da consistência e da completude, tarefa impossível de se cumprir.

Afinal, com base nas observações realizadas no âmbito do estudo, a principal causa para que o sujeito cometesse o crime, foi a precária função paterna exercida simbolicamente pelo irmão, porém a função exercida pelo sistema judicial favoreceu o franqueamento ao simbólico para que o sujeito pudesse se arranjar na vida com outros enlaçamentos não tão violentos ou segregatórios com o crime.

Por fim, diante dos resultados encontrados no caso, faz-se evidência a necessidade de refletir a possibilidade da criação de políticas de inclusão do sujeito egresso do sistema prisional na sociedade, embora o sujeito estudado tenha apresentado facilidade em se reinserir socialmente. Tal reinserção só foi possível, pois houve o assentimento subjetivo por parte do sujeito, dando significado ao castigo e possibilitando a articulação de novos modos de resposta e enlaçamento social.

REFERÊNCIAS

1. Freud S. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago; 2006; v.19: 25-80.
2. Stener AS. A identificação e a constituição do sujeito. Juiz de Fora: Psicologia Ciência e Profissão [periódico da internet]. 2004 [acesso em 31 mar 2014]; 24(2):55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a07>>.
3. Guimarães C. A vida infantil segundo Jacques Lacan: o estágio do espelho, o desejo da mãe e o Nome-do-Pai. [periódico na internet] 2009 [acesso em 31 mar 2014]. Disponível em: <<http://psicosaber.wordpress.com/2009/11/13/a-vida-infantil-segundo-jacques-lacan-o-estagio-de-espelho-o-desejo-da-mae-e-o-nome-do-pai/>>.
4. Hoyer C. Nome-do-Pai na instituição [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Veigade Almeida-UVA; 2008: 28-103.
5. Wolfart G. O pai moderno delapiadado efeito do declínio do modelo patriarcal. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanista Unisinos. [periódico na internet]. 2008 [acesso em 15 mar 2014]; 6(257). Disponível em:<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2001&secao=267>.
6. Dantas Brandão HM. A lei em nome do pai: impasses no exercício da paternidade na contemporaneidade [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia-UFB; 2005: 14.
7. Freud S. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago; 2006; v.11: 145-7.
8. Lacan J. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1991: 363-372.
9. Lacan J. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1992: 14-167.
10. Lacan J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998: 128-279.
11. Coelho, CMS. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. Mental. [periódico da internet] Barbacena; 2006 [acesso em 15 out 2013] 4(6): 108-15. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009&lng=pt&nrm=iso>.

12. Gontijo Salum MJ. A psicanálise e o crime: Causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica contemporânea [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; 2009: 44-130.
13. Marzagão LR. Psicanálise e pragmática: ensaios e escritos heréticos. Belo Horizonte: A. S. Passos; 1996:10-30.
14. Freud S. Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). Rio de Janeiro: Imago; 2006, v.20: 83.
15. Greiser IB. O psicanalista frente aos sintomas sociais. Sephora. [periódico na internet]. 2008: [acesso em 05 abr 2014]; 3(6). Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_06/artigo_01_port.htm>.
16. Freud S. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago; 2006, v.21: 130.
17. M Foucault. Vigiar e punir. 10ª ed. Petrópolis: Vozes; 1999, ed 20: 22.
18. Tendlarz SE, Garcia CD. A quem o assassino mata?: O serial killer à luz da criminologia e da psicanálise. São Paulo: Atheneu; 2013: p.1-60.
19. Barra MB. A clínica psicanalítica em um ambulatório para adolescentes em conflito com a lei. Estudos e pesquisas em psicologia. [periódico na internet]. Rio de Janeiro; 2007: [acesso em 05 abr 2014]; 7(3): 436-7. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a06.pdf>>.
20. Ricardo de Albuquerque JE. Declínio da autoridade paterna: Do Nome-do-Pai ao sintoma. Revista Tribunal Regional do Trabalho 3ª região. [periódico na internet]. Belo Horizonte; 2006: [acesso em 01 set 2014]; 43(73): 61-5. Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_73/Judith_Albuquerque.pdf>.
21. Pinelli Nogueira CS. A questão do pai para o adolescente infrator e os impasses na transmissão do desejo [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de filosofia e ciências humanas da UFMG; 2006: 125-35.

APÊNDICE – A

ROTEIRO

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA

- 1) Conte-me sua história de vida. Como você a levava antes de cometer o crime?
- 2) Como foi o período de cumprimento da sentença?
- 3) O que era proposto a você como atividade de reeducação social?
- 4) Que avaliação você faz destas atividades para a sua reinserção/inclusão social?
- 5) Como ficou a sua vida após o cumprimento da pena?

APÊNDICE – B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Nome do participante: _____
 Documento de identidade: _____ Data de nascimento / / _____
 CPF nº: _____
 Endereço: _____ Nº _____ Apto: _____
 Bairro: _____ CEP: _____ CIDADE: _____
 Telefone(s): _____

EU, acima qualificado CONCORDO em participar da pesquisa “Estudo sobre os laços sociais e os modos de vida constituídos pelo homicida após o cumprimento da pena”, coordenada pelo pesquisador responsável Fernanda do Valle Corrêa Ramos e conduzida por Lorrâny Silva Ferreira aluno/pesquisador do curso Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Explicaram-me que esta pesquisa se justifica pelo desaparecimento das pessoas, que cumpriram pena pelo crime de homicídio, da sociedade, deixando a pergunta sobre quais os efeitos que a pena teve sobre suas vidas e que tipo de inclusão social se tornou possível nesse tempo;

1. Ao ser convidado a participar, explicaram-me que os objetivos da pesquisa são: identificar como o indivíduo levava a vida e como estabelecia laços sociais antes do crime cometido, verificar os projetos de reeducação social proposto às pessoas que saem do sistema prisional durante e após o cumprimento da pena e investigar se a pena judicial ajudou o sujeito na construção de um novo jeito de levar a vida e novos laços afetivos. E que tais procedimentos não trarão quaisquer danos à minha saúde, entretanto poderá trazer angústia, devido à entrevista segmentada no processo de pesquisa, porém a Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Patos de Minas oferta acompanhamento psicológico nesta mesma clínica, se necessário;

2. O procedimento de coleta de informações consta de: uma entrevista que buscará investigar o modo de viver do indivíduo e os laços sociais por ele estabelecidos antes do ato cometido, durante e após o cumprimento da pena, e se o cumprimento da pena ajudou no estabelecimento de outra forma de vida e na construção de laços sociais para o sujeito. Tal entrevista será transcrita e gravada;

3. Estou ciente de que os benefícios esperados por participar neste estudo são: políticas de inclusão de sujeitos que cometeram o crime de homicídio na sociedade;

4. Explicaram-me que o(s) pesquisador(es) garantirão o sigilo absoluto quanto a minha identidade, minhas informações, sob sua responsabilidade e as penas sob previstas na Lei brasileira e, após a conclusão da pesquisa, as gravações serão excluídas;

5. Sei que minha participação é livre não importando quaisquer prejuízos pessoais, e que não implica quaisquer tipos de recebimento de remuneração, auxílio ou subsídio, também sei que não tenho o dever de pagar por minha livre participação;



Universidade de Franca
Pró-Reitoria de Pesquisa
e de Pós Graduação



CEPE
COMITÊ DE ÉTICA
EM PESQUISA

6. Estou ciente de que poderei, a qualquer momento, desistir da participação, sem que isso implique responsabilização, ou o cancelamento dos serviços oferecidos por esta instituição Faculdade Patos de Minas;

7. Terei o direito de me dirigir, a qualquer momento, ao(s) pesquisador(es) e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca, para os esclarecimentos sobre dúvidas que surgirem durante a pesquisa, tendo portanto o direito à informação;

8. Por fim, receberei uma cópia deste documento com os nomes e telefones de contato do pesquisador e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca.

Declaro que concordo LIVREMENTE em participar desta pesquisa, pois fui totalmente esclarecido pelo pesquisador e entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação neste estudo.

Assinatura do participante (por extenso)

Patos de Minas, 26 de novembro de 2013.

Nome do Pesquisador Responsável: Fernanda do Valle Corrêa Ramos

Tel para contato: (34) 99922914

E-mail: fevalle72@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca: (16) 3711-8904.

E-mail: cepe@unifran.br.

Endereço: Av. Dr. Armando Salles Oliveira, 201 CEP: 14404-600, Pq. Universitário, Franca, São Paulo.

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas no Capítulo IV da Resolução 466/12 e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Patos de Minas, 26 de novembro de 2013.

Fernanda do Valle Corrêa Ramos

ANEXO - A

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA INSITUIÇÃO DE ENSINO

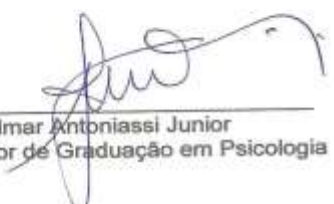


DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que o pesquisador(a) Lorrâny Silva Ferreira, portador(a) do RG nº MG 16.016.801, CPF 09230477605, está autorizado(a) a realizar entrevistas com os pacientes desta instituição, na clínica Escola de Psicologia da Faculdade Patos de Minas, com a finalidade de realizar seu trabalho de conclusão do curso Psicologia, da Faculdade Patos de Minas.

Declaro ainda ter conhecimento da pesquisa a ser realizada e de ter sido previamente informado(a) de como serão utilizados os dados colhidos nesta instituição, bem como de que o paciente também terá acesso às informações através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

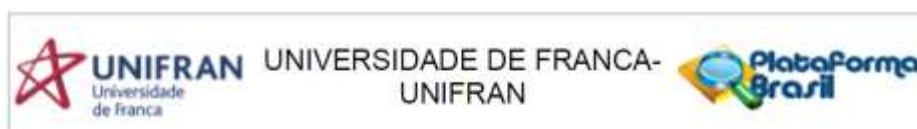
Patos de Minas, 26 de novembro de 2013



Gilmar Antoniassi Junior
Coordenador de Graduação em Psicologia

ANEXO - B

PARECER DE AUTORIZAÇÃO DO COMITE DE ÉTICA E PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudo sobre os laços sociais e os modos de vida constituídos pelo homicida após o cumprimento da pena

Pesquisador: Fernanda do Valle Corrêa Ramos

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 26771914.9.3001.5495

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 688.111

Data da Relatoria: 27/05/2014

Apresentação do Projeto:

A apresentação do projeto está correta, nos termos determinados pela Resolução CNS nº 466/12 e de conformidade com as exigências deste CEPE.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão claros, cumprindo o determinado na Resolução CNS nº 466/12.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos riscos e benefícios foram apresentados de forma correta, estando de conformidade com as exigências da Resolução CNS nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é viável e a pesquisadora atendeu às solicitações feitas anteriormente pelo CEPE, quanto às exigências formais e quanto a apresentação e elaboração textual do projeto, estando de acordo com os termos determinados na Resolução CNS nº 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão de acordo com a Resolução CNS nº 466/12.

Endereço: Av. Dr Armando Salles de Oliveira, 201
Bairro: Parque Universitário **CEP:** 14.404-600
UF: SP **Município:** FRANCA
Telefone: (16)3711-8904 **Fax:** (16)3711-8829 **E-mail:** cepe@unifran.edu.br



Continuação do Parecer: 688.111

Recomendações:

Faltou indicar o nome da Instituição Proponente, o que deverá ser providenciado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Como se trata de parecer para co participante, recomenda-se indicar o nome da Instituição Proponente.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O parecer do relator foi acatado, projeto aprovado. Solicitamos o envio da Declaração da Instituição Co-Participante até o dia 08/08/2014 (se houver), utilizando o botão "Notificações" para fazer o upload do documento pela Plataforma Brasil. O relatório final e demais documentos deverão ser entregues até 10/09/2014. Importante lembrar que todas as folhas do TCLE deverão ser rubricadas pelo sujeito da pesquisa e também pelo pesquisador responsável e equipe, quando houver. Que continuem sendo cumpridas as determinações da Resolução CNS 466/12, na realização da pesquisa.

FRANCA, 16 de Junho de 2014

Assinado por:
CLÉRIA MARIA LOBO BITTAR
 (Coordenador)

Endereço: Av. Dr.Armando Salles de Oliveira, 201
Bairro: Parque Universitário **CEP:** 14.404-600
UF: SP **Município:** FRANCA
Telefone: (16)3711-8904 **Fax:** (16)3711-8829 **E-mail:** cepe@unifran.edu.br

ANEXO - C

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

E: O meu trabalho é sobre como ficou a vida da pessoa após o cumprimento da pena, então gostaria que você me contasse como foi pra você.

S: O que aconteceu comigo foi muito triste sabe? Eu tava lá cumprindo minha pena, e puis na cabeça assim: a hora que eu sair daqui eu vou arrumar uma família, porque se a minha vida não melhorar mais do que tava, piorar não piora. E foi o que eu fiz. Teve umas cinco fugas na minha cela, e eu falei assim: eu não vou fugir, porque eu tive cinco anos pra fugir e não fugi pra longe. Fugir pra longe né? Quer dizer, eu fugi pra longe mas depois eu fui voltando. Eu fiquei quase cinco anos preso. Fiquei dois anos e três meses fechado. Mas era pra eu ficar seis anos fechados no meu primeiro júri, porque eu fui condenado em pena máxima, trinta anos, sabe? Eu tinha que ficar seis anos fechado e depois tirar o restante em semiaberto. Aí depois eu recorri minha pena lá em Belo Horizonte e quando chegou o transjulgado... E assim, o advogado combinou com o meu irmão que se a minha pena não baixasse a metade, ele devolvia o dinheiro. Aí minha pena caiu de trinta anos pra trezes anos e seis meses. Ai eu fiquei dois anos e três meses fechado, depois eu tirei um ano e dozes meses e treze dias em semiaberto, eu ia lá todo dia, sabe? Aí depois eu fiquei mais uns seis anos indo lá e assinando a folha todo mês. Aí depois peguei a liberdade sabe e não precisei ir lá mais não. Mas igual eutava te falando, eu tava lá fechado e falei: Não, eu vou cumprir minha pena., porque o dia que eu acabar de cumprir minha pena, eu vou arrumar uma família, porque se a minha vida não melhorar mais do que tá, piorar não piora não. Eu saí. Eu arrumei uma família e a minha vida melhorou... Não vou falar 100%, não. Melhorou foi 200%. Porque em vista da vida que eu tinha... Hoje eu tenho vida. Eu trabalho muito, já adoeci, ficou quase deles me levarem pro cemitério e eu melhorei, sabe? Eu chego

em casa, tenho minha casa, tenho minha esposa, tenho minha filha que tem dezessete anos.

E: Mas como era sua vida antes?

S: Minha vida antes era triste, porque eu fui criado sem pai nem mãe, sabe? Depois quando aconteceu isso comigo, eu já tinha feito minha casa, morava sozinho, tava pensando em casar, sabe? Depois pegou e deu errado. Eu descobri que a minha noiva tava me traindo. Ai eu não importei com aquilo, tinha decidido não casar com ela mais. Mas eu deixei, fazendo de conta que tava fazendo de tolo, sabe? Aí quando foi um dia, tava chegando ela e a mãe dela na casa da irmã dela. Ela pegou e falou pra mim: Eu to grávida. E eu falei: então é de fulano, não é meu não. E ela pegou e me soltou a mão na cara, sabe? Eu tava com um revolver no bolso. Não deu outra, porque eu já era meio azucrinado sabe? Aí foi caixão e vela preta. E eu vazei no mundo, sabe? Aí eu fui pro Pará, Uberaba, Araxá, depois eu vim aqui pro município do Carmo, porque eu tinha muita amizade ali, né. Aí eu fui tomar conta de uma fazenda lá nos Quintinos, fiquei lá muito tempo. Depois eu saí de uma fazenda, fui pra outra, o senhor lá era separado da família, da mulher dele. E nós dávamos muito certo, porque os filhos dele eram casados, e ele não andava à noite sozinho e eu ia com ele quando ele queria sair e tal, quando ia fazer farra lá os amigos dele me elogiavam e ele falava que eu era que nem aliança pra ele, de ouro e prata. Fazia muita coisa pra ele, ganhei muito dinheiro lá na época. O dinheiro que eu ganhei lá nas duas fazendas dava pra eu construir uma casa hoje, mas depois eu tive que gastar tudo com advogado. Mas igual to te falando, minha vida antes de eu pensar que ia casar... Nossa, eu vivi igual um cachorrinho, porque meu irmão mais velho era muito ruim pra mim, sabe?

E: Você morou com quem? Porque disse que não criado nem por pai nem por mãe...

S: Não, porque quando eu fiquei sem minha mãe, eu tinha oito anos, aí fui morar junto com meu pai. Vivia uma vidinha tipo escrava. Aí depois mais dois anos e eu perdi meu pai. Aí depois meu tio trouxe eu aqui pro Curraleiro, pra casa do meu padrinho, e eu fiquei uns tempos... E eu era custoso demais. Aí depois meu tio foi lá na casa do meu padrinho e buscou eu e trouxe aqui pra Serrinha, aí quando foi um dia ele falou que lá tinha muito passarinho e mandou eu pegar um lá e eu disse: deixa comigo. Aí eu acabei de armar um laço lá onde ele tinha falado pra mim e o filho dele foi lá e falou pra ele que eu tinha armado um laço pra pegar as galinhas. E meu tio tirou uma corda de uma rede lá pra poder me bater, sabe? E eu peguei e

falei com ele: Não tio, eu arrei o laço foi lá onde o senhor mandou, agora se o senhor tiver de plano de me bater, o senhor pega eu e me leva lá pra onde o senhor me trouxe que lá eu vou viver e não vou ficar com raiva do senhor. Aí levou eu embora, lá pra casa do meu irmão. E o meu irmão pegou uma fazenda pra tomar conta e ele judiava de nós. Ou, ele cortava nós no coro. Batia em nós pra montar em bezerro calçado de espora, uai. Batia em nós todo dia, o dia que nós não apanhava, nós pensava: hoje nós passou livre. Mas meu irmão era ruim. Eu tomei uma tunda dele uma vez no curral, que ele pegou eu pelo pé, pisou no meu pescoço e me bateu com a ponta de um laço, que eu tenho sinal dela até hoje. E meus irmãos não gostam nem de ver a cara dele. E eu não tenho raiva nenhuma dele, porque ele judiou de nós, mas ensinou a gente a trabalhar, a dar valor nos que nós tem. Eu acho que hoje o pior pecado nosso, hoje, no meu ponto de vista... Porque eu era uma pessoa que era igual um animal, hoje eu sou de dentro da igreja ali, eu fiz o encontro de casal que é o trem melhor que existe, e eu saí do grupo porque minha mulher entrou em depressão... E eu acho que o pior pecado hoje é você sentir raiva dos outros, desejar mal a uma pessoa sabe? Porque eu já sofri demais, nossa.

E: E quando você fala que foi criado como um animal... Como que é isso?

S: Não, porque meu irmão tinha muito as coisas assim, sabe? E quando ele ganhava algum dinheiro, ele pensava em comprar só criação. Não comprava roupa direito pra nós, sabe? Nós era meninão, com aquelas roupinhas franzininha, não comprava uma blusa de frio de jeito nenhum, tirava leite debaixo de chuva, não tinha nem barraquinha no curral. Portanto hoje eu nem sinto frio. Nós ia buscar os bezerros lá no meio do pasto, naquelas geadas, descalço. Tanto que hora os bezerros levantavam, nós sentava lá onde eles tavam deitado pra esquentar um tiquinho, por isso que eu acredito que nós foi criado tipo animal. Mas sabe, depois que aconteceu isso comigo, se tem uma pessoa que eu não dou certo, eu peço muito pra Deus pra tirar aquela pessoa de perto de mim pra eu nem ver ela, sabe? Porque aí evita né? Depois que acabou, que eu não tinha que assinar a folha mais, até as custas do processo eu fui perdoado. Tinha uma semana que eu tinha sido perdoado, um cara veio falar comigo, brigando porque tinham feito abaixo assinado pra ele sair de onde ele tava aqui no bairro e na hora meu sangue subiu pra cabeça, depois que esfriou eu pensei comigo mesmo que eu tinha pedir demais a Deus porque eu não posso brigar mais. Eu já tive uma vida de cachorro quando eu era pequeno, depois eu fiquei preso... Lá na cadeia, na época, não era igual hoje não.

Porque hoje você come um cardápio diferente todo dia. E lá quando eu comia, eu comi a mesma coisa do dia que eu entrei até o dia que eu saí, não mudou não. Agora hoje é mais fácil, a pessoa tem nutricionista, pra poder saber tudo, fazer o cardápio, tem até psicóloga lá uai, se os caboco entrar em depressão né?

E: E quando você ficou lá, tinha algum projeto pra te ajudar quando você saísse de lá? Pra te ajudar com a reinserção social?

S: Não, não tinha projeto, não. A única coisa que me ajudou muito, foi assim... Porque é tipo uma faculdade, quando a pessoa passa em primeiro lugar e ganha uma bolsa, então me ajudou muito foi assim... Porque teve essas fugas e eu não participei, meu comportamento lá era 100% sabe? Então quando eu saí, eu tive muita regalia assim, porque quando eu saí de semiaberto, todo mundo que estava de semiaberto tinha que ficar lá no sábado, nos feriados, no domingo, ficava fechado né? E então, por causa do meu comportamento, o advogado fez um pedido lá e eu fui beneficiado. Todo mundo ficava queimado comigo porque eu saía de segunda à segunda, dia de sábado, domingo, feriado, saía todo dia, sabe? Todo mundo tinha que sair às seis da manhã e voltar às seis da tarde. Eu saía cinco da manhã e voltava oito da noite. Ninguém nunca ganhou esse benefício lá e eu ganhei. No meu ponto de vista, foi tipo uma faculdade, porque eu fiz por merecer...

E: Mas era proposto alguma atividade de reeducação social?

S: A única coisa que eles me recomendou o dia que eu fui pro semiaberto foi que eu não podia frequentar barzinho à noite nem durante o dia, não pode andar armado de jeito nenhum, qualquer evento que fosse ter bebida eu não podia participar não, sabe? Mas até o comandante da PM lá, o delegado, o dia que acabou minha pena e eu fui beneficiado por não ter que pagar custo de processo nem nada, o promotor, o juiz, os oficiais todos fizeram questão. Aí o promotor leu pra mim um papel lá e pegou e falou assim: Ó, meu filho, você dá valor na sua vida e faz por onde, porque o seu comportamento aqui foi um exemplo pra comarca, nunca teve um comportamento igual ao seu aqui. Eles tudo me agradeceu, pegou na minha mão, eu fui elogiado sabe? Disseram que eu fui pra historia da comarca, mas eu fiz por merecer. Quando eu tava no semiaberto eu ia pro Auto Posto e eu já tava namorando com ela, aí uns caras me olharam e viram eu com ela e falaram: Mas aquele cara tá preso e arruma mulher e nós não arruma. Isso eu não ouvi não, um cara que trabalhava comigo que me contou. Eu arrumei uma motoca, fui lá em casa, peguei o revolver e deixei no bolso, aí eu tava andando com ela e com a mão na

cintura, caso eles aparecessem... Olha o tanto que eu tinha a cabecinha ruim! Depois graças a Deus eu vim pra Patos, vim morar aqui pra baixo, aí foi uma benção... Porque quando eu morava lá em cima, eu tava com a perna machucada e eu gastava quase uma hora pra vim aqui pra igreja, aí eu pensei comigo: Vou vender lá e fazer uma casa aqui perto da igreja. Depois que eu vim pra cá ajudei a arrumar a casa paroquial, conheci gente só de dentro da igreja, sabe? Aí pra mim foi só maravilha, porque quem tá ali na igreja tá buscando só coisa boa, né? Eu vou à missão todo domingo de manhã e tem o terço dos homens na terça feira, eu não perco um dia.

E: Como foi pra você o cumprimento da sua pena?

S: Pra mim foi assim... Eu tava no Carmo do Paranaíba, na época eu tava dentro da cidade, tava fugido tinha cinco anos quando eles me prendeu. Aí eles chegaram e me abordaram com o mandato de prisão né? Aí tinha uns chegado meu lá que pegou e foi conversar com o delegado e ofereceu um suborno pra ele me liberar. Aí ele botou um no carro e mandou aqui em Presidente pra ver como que tava de situação. Aí aqui tinha um mundo velho de mandato de prisão e todos eles tinha minha foto, aí não teve como ele me liberar sabe? Aí eles me trouxe pra cá na segunda-feira, eles me fechou no final de semana e segunda trouxe eu pra cá, e eu já vim junto com o advogado. Aí eles me levou à júri e no dia que eu fui era pena máxima, 30 anos, tinha que ficar seis anos fechado. Mas na semana que eu fui preso eu ganhei uma bíblia. Meu colega de cela me deu uma bíblia, sabe? E eu abracei com essa bíblia e falei: Não, eu tive cinco anos pra fugir e fugi, agora vou pagar essa pena com a justiça e vou viver minha vida do jeito que era, que eu posso chegar e entrar em qualquer lugar e não preciso ter medo de ninguém pra me prender, nem nada. Aí eu agradei o juiz, o promotor, e foi 7 a 0 contra a minha pessoa, sabe? Aí o meu irmão, o Marco, arrumou um advogado e ele foi lá, olhou meu processo, foi na cadeia e conversou comigo e falou com o meu irmão que se a minha pena não baixasse a metade, ele devolvia os cobre com juro e tudo. O dia que chegou o transjulgado de Belo Horizonte, faltava um dia pra eu sair do semiaberto e o promotor tinha enfezado comigo, porque eu fui à júri há uma semana e ele só não xinga a gente de santo e rapadura, sabe? Que a função dele é aquilo né... Aí na outra semana, que ele ia entrar de férias, ele tinha que ir lá e conversar com os presos sabe, e eu não quis conversar com ele. Aí o comandante na época lá era o J., hoje ele é oficial de justiça, e ele falou comigo: Você não vai conversar com

o doutor, não? Peguei e falei assim: O homem só não me xingou de santo e rapadura e eu vou conversar com um homem desse? Na época a gente era assim, bem ignorante sabe? Aí ele pegou e me marcou. Quando foi pra eu entrar de semiaberto ele não quis assinar, sabe? Aí era o doutor Vinícius que respondia lá na época, aí ele assinou pra ele. A hora que eu cheguei lá no fórum, assinei o termo de responsabilidade, que eu tinha que fazer assim e assim, que eu fiquei sabendo que eu tava livre, cheguei na porta do fórum e olhei o tempo, me subiu uma friagem que eu fiquei até sem sal, sabe? Aí o policial da civil falou que meu irmão tava lá na delegacia, que se eu quisesse ir pra lá, ele tava lá me esperando. Aí eu fui pra lá, e o delegado perguntou pra mim: Mas você pensa em trabalhar agora? E eu falei pra ele: Doutor, se eu tivesse um serviço pra eu começar a trabalhar amanhã. Aí ele falou: Não, mas tá fácil, quer ver? Aí ele ligou pra um cara lá e o cara falou que se o delegado se responsabilizasse por mim, eu podia começar a trabalhar na segunda-feira. Aí eu comecei na segunda e trabalhei pra ele até o ultimo dia do semiaberto. Aí na outra semana o advogado pegou um saidão pra mim de 10 dias. Aí eu vim pra Patos vê a família, fui pro Carmo visitar uns amigos. Porque tem um amigo meu que mora em Quintinos, que ele é quase um irmão pra mim, ele já veio aqui em casa, foi na cadeia me visitar com a turminha dele, eles preocupavam comigo mesma coisa se fosse parente. Aí quando eu voltei o advogado já tinha entrado com o pedido pra eu voltar 20 h, o delegado era chegado do meu irmão, ficou chegado meu também, final de semana ele deixava ficar de fora pra eu ir lá pro Autoposto, até a Celita (esposa) pedia ele e ele deixava.

E: E quando foi que você conheceu ela?

S: Foi assim que eu saí pro semiaberto. Eu passava na porta da casa dela só de bermuda, de bicicleta, camiseta nas costas e ela assoviando pra mim. Eu chegava lá e ela falava: To numa saudade! Ela pediu pra eu tirar uma foto pra ela, mas pediu pra tirar sem camisa. Nós namoramos quatro meses e depois fomos morar junto. Aí eu ia vim embora pra Patos e ela vinha comigo, aí eu falei com o pai dela que tava enrolando a filha dele, mas que a minhas intenções eram as melhores. Olha o tanto que a gente é matutão, né? Aí depois nós casou no civil, lá em Presidente. Aí depois nós mudamos pra essa casa aqui e pessoa que não é casada no religioso até pra ir na igreja é diferente né? Aí casamos na igreja.

E: Mas N., você teve problema pra se relacionar com outras pessoas, fazer amizade?

S: Engraçado... Igual quando eu tava lá em Presidente, eu tava preso mas eu fiz uma amizade... Eu não conhecia nada lá, mas quando eu saía, eu me sentia em casa, sabe? Até hoje eu tenho muita amizade lá. Mas quando a gente tá lá dentro a gente faz muito tarrafa, caneta, esses trem né? E eu fiz muita tarrafa e um amigo que eu fiz lá gostava muito de pescar, ele é funcionário da COPASA, sabe? E nossa, quase todo final de semana ele levava comida pra mim lá. Até vi a mulher dele na rua esses dias e falei pra ela que queria ir lá comer aquele “comê” gostoso que eu comia. Eu não falava cadeia não, eu falava faculdade. O povo me via na rua de dia e depois não via à noite e falava assim: Mas a noite a gente não vê você. E eu dizia: Não, é que eu to fazendo faculdade. Muitos não sabiam que eu tava preso. Eu até falei pro Z.A, o homem com quem eu trabalhei no semiaberto: Quando acabar a minha pena eu vou embora, porque, primeiro, por mais que a pessoa olha a gente com um olhar bom, mas tem gente, não sei se é impressão minha, mas que olha a gente com um olhar diferente. Às vezes tem pessoa que não conhece a gente e olha pra gente e pensa “ah, aquele ali tava na cadeia”. Tem muita gente que pensa “ah, aquilo ali é vagabundo”. Porque assim, quando eu tava preso... Lá não tinha separação, lá ficava ladrão, homicida, que é o meu caso, traficante, ficava tudo misturado sabe? Não tinha separação não. Porque em muitas outras cadeias tem separação, os homicidas fica pra um lado, os traficantes pra um, os ladrão pra outro. Aí o trem que eu achava mais complicado era assim, porque eu pensava em quando eu sair, trabalhar né, pra tirar os atrasos desse tempo perdido, ficar dois anos e tanto sem fazer nada. E tinha caboco que pensava: To num prejuízo de ficar aqui, tenho que sair pra roubar mais. E lá dentro da cadeia, quase que eu pego uma pena lá pra ficar preso 12 anos direto. Tinha um rapaz lá que ele era ladrão e traficante, e ele na minha cela. Nós trabalhava o dia inteiro fazendo tarrafa e ele dormia o dia inteirinho, não fazia nada. E ele tinha um toca-fitas e quando dava à noite, nós ia dormir e ele colocava aquela somzeira, tipo Raul Seixas, só esses trem metaleiro e não deixava nós dormir. Quando foi um dia eu perguntei pro policial lá: Se eu matar um aqui dentro que tanto de cadeia que a gente pega? Aí ele falou: Ah, 12 anos direto é certeza. Aí eu pensei: Será que eu vou ter que pegar esses 12 anos? Porque a gente já fica agoniado de ficar ali, parece que a gente perde o sentido... Porque a gente já tem uma natureza forte e ainda fica num lugar daquele. Aí quando foi um dia, eu calcei até os tênis pra ir pro pátio, tinha um muro alto, eles levavam a gente pra tomar sol, uma vez por semana, aí a gente desenha no muro um gol e tinha um

futebolzinho, sabe? E eu peguei e falei com ele: Ou, dá um jeito nesse som aí, nós trabalha o dia inteiro e quando dá à noite, nós quer dormir e você liga esse som aí. E tinha um negão lá, nós chamava ele de Mike Tyson, ele era conhecido meu lá do Sertãozinho, e ele até falou pra mim: Não, se ele te encarar, nós quebra ele. Aí ele pegou e falou assim: Não... Quem manda aqui é ladrão, sô. E bateu no meu peito assim. Homicida aqui não manda nada, não. Aí eu falei: Se manda, eu não sei, não, mas nós vai descobrir agora quem que manda desse cumbico aqui. Eu tinha um estilete de ferragem dentro do colchão, eu peguei esse estilete e ele correu pro banheiro. Eu dei uma bicuda no meio do som que ele calou na hora. Aí eu e o Mike Tyson cercou ele lá na porta do banheiro e o Mike Tyson falou assim: Não, você não vai matar ele agora, não. E eu falei: Não, eu quero fazer buraco nesse homem igual beijo da mãe dele que ele ganhou quando era pequeno. Aí o trem amarelou de policia. O policiamento chegou tudo. Tirou nós da cela, vasculhou a cela todinha e arrumou ele numa celinha separada, sabe? Aí eles arrumaram um jeito lá, porque ele tinha um irmão da mãe dele que era policial ambiental, e ele forjou um semiaberto pra ele. Ele saiu de semiaberto numa quarta-feira. Hora que ele tava saindo pra rua, eu tava na porta da cela e ele falou assim: Hora que você sair pra rua, eu quero ver um lado seu lá na rua. Aí eu falei: Sô, não me avisa, não, eu gosto é de surpresas, pra que você me avisar? A gente quando tem a cabeça ruim é triste né? Ele saiu cedo né, aí na volta do dia chegou o meu transjulgado de Belo Horizonte, que eu saía no outro dia, sabe? Aí os presos tudo contou pra ele, falando que eu ia sair no outro dia, porque preso gosta de ver o circo pegar fogo. Aí quando eu saí lá de fora, eu fui lá pra delegacia, aí eu falei pro M., meu irmão: Ó, eu tenho um dinheiro no bolso, você pode ir de ônibus, pode pagar um táxi pra ir lá no Carmo agora pegar meu revolver pra mim porque tem um caboco na rua aí e se eu topar com ele e ele me der bom dia, eu vou ter que matar ele. Aí ele falou que eu tava doido e eu falei: Eu não posso topar com ele na rua não, que eu tenho que matar ele. Aí o M. entrou lá pra dentro do gabinete do Sr. A, conversou com ele até mesmo e falou: Ir lá buscar seu revolver eu não vou, não. Aí eu falei que ia sumir e ninguém ia me ver mais. Aí ele tirou o revolver dele do bolso e me entregou com um punhado de bala. Aí eu deixava o revolver na casa de um cara que morava em frente a casa dele. Eu deixava o revolver lá, quando eu ia trabalhar, eu passava lá e pegava o revolver e colocava dentro da mochila. E quando eu saí pro semiaberto ele sumiu no mundo. Passou pouco tempo, eles mataram ele lá em Uberaba, roubando. Por isso

que eu falo com você, graças a Deus hoje a minha vida é outra. Não tenho essas agonias, essa coisa de enfezar com os outros. Hoje é só paz e alegria. Eu brinco com todo mundo, tanto que lá na cadeia eles me chamavam de risadinha. Ficar triste pra que?

E: Como era isso de enfezar?

S: Até hoje... Hoje eu rezo pra Deus e peço muita paciência, porque quando acontece o que aconteceu comigo, a gente fica assim. Se a gente chegar a enfezar, a gente pensa: Se eu matar fulano, eu tenho sossego. Por isso que hoje eu sou outra pessoa, Deus me dá paciência que eu não enfezo, porque se eu enfezar... A pessoa quando acontece isso, pensa é se matar fica tranquilo, ta livre. A gente só pensa assim, se tirar a pessoa de circulação, a gente tem sossego, então... O trem é totalmente diferente, a gente tem é que pedir à Deus, porque se eu tiver raiva de uma pessoa, em vez de eu ter raiva daquela pessoa, eu faço é rezar por ela, pra Deus tirar aquilo pra lá e dar outro destino pra ele, pra eu não implicar com nada e me dar sossego, sabe? Acho que é o melhor jeito. Porque quando a gente é criado na roça, igual eu fui criado, a gente é criado igual animal sabe? Porque tudo começou com meu irmão. Voltar lá atrás agora de novo... Na época eu tinha 13 anos e eu trabalhava pros outros e era muito, na época eu já tava aprendendo a cortar lenha de motosserra. Aí naquela época quem comprava uma bicicleta, é igual hoje se um jovem tirar carteira e comprar uma motoca nova. E eu lembro que eu fui lá em Lagoa Grande comprar uma bicicleta novinha, era uma bicicleta verde, eu juntei dinheiro muito tempo, sobrou só uma mixaria, mas eu tava empolgado. Aí eu tava passando na porta da venda, voltando do trabalho, eu parei lá, escorei a bicicleta no tripé e parei lá pra beber um guaraná. Eu tava de um jeito que não tava cabendo dentro da roupa, de tão bom que eu tava achando. Hora que eu saí lá de fora, um tonto com um copo de pinga na mão tentando montar na bicicleta. Aí eu cheguei lá e danei com ele e ele pegou e me jogou essa pinga. Aí eu fui embora. Eu fiquei tão descontrolado que eu não dei conta de montar na bicicleta, eu fui empurrando a bicicleta. Aí eu topei com o meu irmão, esse mais velho, e contei ele a história e ele falou assim: Você tem que pegar o que você tem e vender e comprar um revólver, porque a hora que um te jogar uma pinga, você enxuga. Enxuga assim, pega e mete bala, foi o que ele falou. Aí eu tinha umas bezerras, eu vendi essas bezerras, mas a bicicleta eu não dispus dela, não. Eu lembro que eu comprei uma arma automática, uma 380, 15 balas no pente, bala 38. Eu ia lá pra essa venda, sentava lá com esse

trem na cintura, sem ninguém ver, e ficava de boa pensando no tonto pegar minha bicicleta pra eu destemperar a cara dele. Agora você pensa... Já começa assim, novo, um que é mais velho, em vez de dar conselho, não... Aí por isso já começa a mal criação. Ele tinha que dá conselho, mas ele fez foi me embalar. Mas agora eu agradeço a Deus, por essas duas que eu tenho e a vida que eu tenho, porque mudou não foi 100%, mudou foi 200%. Eu quero ir trabalhar, tenho meu carrinho, chego em casa o almoço tá pronto.

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 27 de Outubro de 2015.

Lorrâny Silva Ferreira

Gilmar Antoniassi Junior